

www.uc.pt/
 imprensa_uc
 CONTACTO
 imprensa@uc.pt
 VENDAS ONLINE
 http://livraria-
 daimpresa.uc.pt
 JANEIRO 2015

20 ANOS

DE JORNALISMO CONTRA A INDIFERENÇA

Organização Ana Teresa Peixinho, Carlos Camponez, Isabel Vargues, João Figueira

TEXTOS DE

Marc Lits, Adriano Duarte Rodrigues, Tito Cardoso e Cunha, José Augusto Mourão, Alberto Pena Rodríguez, Maria Augusta Babo, Daniel Cronu, João Pissarra Esteves, Gilles Gauthier, Heloísa Paulo e Luís Reis Torgal, Alfredo Barroso, António Fidalgo, Noël Nel, João de Almeida Santos, Juan Luis Cebrián, António Dias Figueiredo, Marina Themudo, Jorge Sampaio, Nelson Traquina, Mário Soares

O livro que agora se apresenta, nasce de dois desígnios fundamentais: por um lado, celebrar duas décadas de ensino do Jornalismo na Universidade de Coimbra e, por outro, partilhar com um público mais alargado um conjunto de reflexões sobre os *media*, o jornalismo, a comunicação e o espaço público.

Se o ensino superior do Jornalismo em Portugal, relativamente tardio em relação ao resto da Europa, deu os seus primeiros passos no fim dos anos 70 do século passado, ele aparece apenas duas décadas depois na academia coimbrã. Contudo, esta foi, no contexto nacional, a primeira licenciatura em Jornalismo, distinguindo-se, quer em título, quer em objetivos, das licenciaturas então existentes no país. A criação de uma Licenciatura em Jornalismo na Universidade de Coimbra, em 1993-1994, foi, por si, um acontecimento. Com efeito foi necessário que reitor, professores e jornalistas ousassem atualizar a oferta curricular da Faculdade de Letras, oferecendo um curso

há muito desejado pela sociedade e pelo mercado, embora desconsiderado por alguns setores da academia. Correndo o risco de omitir alguém, a quem antecipadamente pedimos desculpa, não podemos deixar de recordar os esforços dos jornalistas João Mesquita, João Fonseca, em representação

Todas as gerações, sem dúvida, se julgam para refazer o mundo. A minha sabe, no entanto, que não poderá refazê-lo. A sua tarefa é impedir que se desfaça, unicamente das suas negações

A. Camus, *Discursos da Suécia* (1957)

do Sindicato dos Jornalistas, e de Jorge Castilho, a quem mais tarde se viria associar o nome de Mário Martins, bem como o do então Reitor da Universidade de Coimbra Rui Alarcão, e dos professores João Roque e Luís Reis Torgal. Entre 1993 e 1996, a Licenciatura em Jornalismo funcionou com um Secretariado, que teve um papel executivo e científico nos primeiros tempos do curso na FLUC. Presidido pelo Presidente do Conselho Científico Ludwig Scheidl, este

Vinte anos de memórias

Todas as gerações, sem dúvida, se julgam fadadas para refazer o mundo. A minha sabe, no entanto, que não poderá refazê-lo. A sua tarefa é talvez maior: Consiste em impedir que se desfaça, partindo unicamente das suas negações.
A. Camus, *Discursos da Suécia* (1957)

O livro que agora se apresenta – *20 Anos de Jornalismo Contra a Indiferença* – nasce de dois desígnios fundamentais: por um lado, celebrar duas décadas de ensino do Jornalismo na Universidade de Coimbra e, por outro, partilhar com um público mais alargado um conjunto de reflexões sobre os *media*, o jornalismo, a comunicação e o espaço público.

Se o ensino superior do Jornalismo em Portugal, relativamente tardio em relação ao resto da Europa, deu os seus primeiros passos no fim dos anos 70 do século passado, ele aparece apenas duas décadas depois na academia coimbrã. Contudo, esta foi, no contexto nacional, a primeira licenciatura em Jornalismo, distinguindo-se, quer em título, quer em objetivos, das licenciaturas então existentes no país.

A criação de uma Licenciatura em Jornalismo na Universidade de Coimbra, em 1993-1994, foi, por si, um acontecimento. Com efeito foi necessário que reitor, professores e jornalistas ousassem atualizar a oferta curricular da Faculdade de Letras, oferecendo um curso há muito desejado pela sociedade e pelo mercado, embora desconsiderado por alguns setores da academia. Correndo o risco de omitir alguém, a quem antecipadamente pedimos desculpa, não podemos deixar de recordar os esforços dos jornalistas João Mesquita, João Fonseca, em representação do Sindicato dos Jornalistas, e de Jorge Castilho, a quem mais tarde se viria associar o nome de Mário Martins, bem como o envolvimento decisivo do jornalista e professor Mário Mesquita, do então Reitor da Universidade de Coimbra Rui Alarcão e dos professores João Roque e Luís Reis Torgal.

Entre 1993 e 1996, a Licenciatura em Jornalismo funcionou com um Secretariado, que teve um papel executivo e científico nos primeiros tempos do curso na FLUC. Presidido pelo Presidente do Conselho Científico Ludwig Scheidl, este Secretariado integrava também o Presidente do Conselho Diretivo, João Lourenço Roque, seis professores de todas as áreas da FLUC, bem como um representante dos alunos, José Diogo. Confinado à célebre sala 12,

o curso dava os seus primeiros passos pelas mãos de um grupo de profissionais e académicos de elite que, além das aulas, dinamizaram a realização de várias conferências semanais, trouxeram até nós muitos jornalistas e investigadores, possibilitando um leque de análises de grande abertura, algumas das quais aqui compiladas.

Um ano após a criação do Instituto de Estudos Jornalísticos, um novo espaço acolheu o curso que então começava a atrair os melhores estudantes à Faculdade de Letras: salas de aula, biblioteca e estúdios passaram a funcionar no Colégio de S. Jerónimo.

O ensino e a investigação do jornalismo continuaram a ser desenvolvidos e foram reforçados mesmo em circunstâncias por vezes muito complexas. O aparecimento do curso de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, em 1998, foi outro passo importante na afirmação desta área na academia coimbrã. Desde então, diversas foram as teses e os relatórios de estágio defendidos por centenas de estudantes, muitas publicadas em livro e algumas premiadas.

Decorridos que eram dez anos após a fundação da Licenciatura em Jornalismo, 2003 foi um ano marcante da afirmação do projeto científico e pedagógico do curso, patente nos colóquios e publicações que tiveram lugar, e na consolidação e renovação de um corpo docente especializado nos estudos do Jornalismo e da Comunicação. Iniciaram-se, então, programas de mobilidade e projetos de investigação. A criação do Doutoramento em Ciências da Comunicação, com várias áreas de especialização, deu origem às primeiras teses de doutoramento em Ciências da Comunicação que, na UC, datam precisamente desse ano.

O projeto de formação em jornalismo, na Faculdade de Letras, foi também o resultado da colaboração de vários docentes das outras áreas científicas da Faculdade de Letras, da Faculdade de Direito e da Faculdade de Ciências e Tecnologia, bem como de outros professores, investigadores e profissionais do jornalismo, convidados a colaborar neste projeto de formação da Universidade de Coimbra: Mário Mesquita, Lopes de Araújo, J-M Nobre-Correia, J. Carlos Abrantes, Alexandra Lucas Coelho, João Barreiros, Miguel Gaspar, Ricardo Alexandre, Cristina Ponte, António Granado, Nelson Traquina, António Marinho.

Depois da departamentalização da Faculdade de Letras, em 2010, os cursos de jornalismo passaram a integrar a Secção de Comunicação do Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, com sede no 6.º piso da Faculdade. A Secção de Comunicação é hoje composta por docentes e investigadores que têm privilegiado o estudo nos domínios das narrativas

mediáticas, do espaço público, da comunicação institucional, da história dos *media*, da ética e da deontologia do jornalismo, da sociologia da comunicação e da economia política dos *media*, reunindo fundamentalmente dois centros de investigação: o CEIS2o (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX), sediado na UC, e o CIMJ (Centro de Investigação Media e Jornalismo), sediado na FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

O esforço deste trabalho tem-se espelhado, entre outras coisas, no reconhecimento nacional e internacional dos nossos estudantes, quer pelas funções de relevo que desempenham quer pelos prémios que os têm distinguido.

Uma das razões desse sucesso, naquele tempo como hoje, encontra-se, a nosso ver, na matriz inscrita na formação deste curso, logo nas palavras introdutórias do Regulamento do então Instituto de Estudos Jornalísticos, em 1996 e que aqui recuperamos pela sua atualidade:

Ao assumir esse ato pioneiro, a nível nacional, a Faculdade de Letras contraiu pesadas responsabilidades, não só face aos estudantes que a frequentam, mas também perante o País, a comunidade científica e o próprio universo da comunicação, dos media e do jornalismo. O jornalismo não se resume a um conjunto de práticas profissionais. Tão pouco se pode encará-lo apenas como um domínio específico do discurso dos media. Na perspetiva da Universidade, constitui também uma área de saber e um campo de investigação que se foi construindo e desenvolvendo, com o contributo de diversas disciplinas.

Os vinte textos aqui reunidos são, neste contexto, também a expressão singela de duas décadas de luta por uma boa formação de profissionais da informação e das responsabilidades sociais que assumimos perante o País.

Conscientes de que o saber e a aprendizagem não se podem confinar às paredes da sala de aula, procurámos confrontar os nossos estudantes com vozes e perspetivas diferentes: de personalidades públicas de relevo, de profissionais, e de académicos, de outras Escolas, de outras geografias e de variadas áreas do saber.

Cumpre-nos, naturalmente, agradecer aos autores e às autoras que tivemos o privilégio de receber em Coimbra e que, agora, gentilmente cederam os seus artigos para publicação. Trata-se de textos, muitos deles resultantes de palestras e conferências, que foram elaborados durante os últimos vinte anos e que devem ser, por isso mesmo, lidos tendo em conta o tempo em que foram sendo produzidos. Por uma questão meramente metodológica, com

vista a tornar a leitura mais ágil, compartimentamos o livro em três blocos: Comunicação e Linguagens; Novos contextos, novos desafios; *Media* e Espaço Público.

Ao longo destes vinte anos, o país mudou muito e o jornalismo também. A profissão enfrenta hoje novos desafios, difíceis de prever há duas décadas, e atravessa um período de crises várias: crise de legitimidade da profissão; crise de emprego, dramática para os profissionais que têm de encarar a realidade dos despedimentos, mas também problemático para quantos enfrentam, na profissão, os diferentes efeitos dessa falta de trabalho: a precariedade e o seu corolário de submissões diversas, muitas vezes violentando a independência e a liberdade, valores matriciais do jornalismo; crise geral de públicos, patente nos baixos índices de leitura e na crescente fragmentação das audiências; crise ético-deontológica, traduzida em subversões nos critérios de seleção e tratamento da informação; crise de estratégias e práticas editoriais, enfim, crise do modelo económico de sustentabilidade do jornalismo. Estas são algumas das consequências decorrentes da ditadura de mercado que domina o jornalismo, bem como das mudanças demasiado rápidas provocadas pelo desenvolvimento dos chamados novos *media* – que de novos já têm pouco – e que arrastaram consigo diferentes modelos de construção de sentido, de narrativas, novas formas de mediação e, conseqüentemente, novos paradigmas de escrita e de leitura.

Num contexto de tamanha complexidade, é importante que o ensino do jornalismo se pautar por valores e princípios sólidos e duradouros, capazes de resistirem aos efeitos desestruturantes resultantes da constante mudança, da volatilidade, da tirania do tempo. Uma Comunicação Contra a Indiferença é, por isso, o nosso lema, que congrega os principais valores do ensino do jornalismo na Universidade de Coimbra. Numa época em que o jornalismo enfrenta, a vários níveis, ameaças de natureza diversificada, assistindo-se a uma radical alteração de paradigma, é importante que a formação de jovens aspirantes a jornalistas possibilite uma formação humanística sólida, que os ensine a pensar, a estabelecer relações complexas, a valorizar a memória, a descodificar, problematizar e compreender a complexidade do mundo. Só assim serão cidadãos e cidadãs comprometidos. Só assim conseguirão cumprir o seu papel como mediadores do real.

As alterações a que acabamos de fazer referência, registadas no campo dos *media*, coincidem também com mudanças importantes no espaço público das sociedades democráticas contemporâneas. A generalização da “demo-

cracia de baixa intensidade”, o desinteresse pelo debate público, a redução dos valores políticos e sociais à sua dimensão económica, a recuperação do poder eleitoral que partidos e movimentos autoritários e intolerantes estão a adquirir na Europa e no Mundo, são apenas algumas das questões que exigem que abandonemos a democracia de sofá; que deixemos de pensar a defesa da liberdade como uma bonita história, embora sofrida, das gerações que nos antecederam; e que renovemos o nosso empenho numa cidadania livre e bem informada. Não seremos dignos da história do nosso tempo se não conseguirmos transmitir e alargar às gerações que nos sucederão a liberdade que nos foi legada pelos que nos antecederam.

Por isso, falamos hoje, aqui, de jornalismo, dos *media*, da democracia e de futuro: de um futuro de que não abdicamos enquanto cidadãos responsáveis do nosso tempo. Por isso, também, convidamos os nossos leitores a associarem-se, através da leitura deste livro, aos 20 anos da Licenciatura em Jornalismo. E, já agora, permita-se-nos a veleidade: aos “nossos” 40 anos de democracia, aos 70 anos do desembarque na Normandia, aos 100 anos do início da I Guerra Mundial, aos 193 anos da primeira lei sobre a Liberdade de Imprensa, em Portugal, aos 370 anos da *Areopagítica* de John Milton. Enfim, a esses dias, anos e séculos de todos quantos lutaram e morreram por esse frágil e inacabado ideal que é a liberdade.

Ana Teresa Peixinho
Carlos Camponez
Isabel Nobre Vargues
João José Figueira

Coimbra, 15 de setembro de 2014